

DE QUE TRATA O TEXTO?

LEITORES E CRÍTICOS NA PESQUISA SOBRE LITERATURA

<http://dx.doi.org/10.11606/issn.2237-1184.v0i24p136-146>

Anderson da Mata

Universidade de Brasília (UnB)

RESUMO

A indagação que se faz neste artigo é sobre como o trabalho de formação na pesquisa em literatura pode impactar o processo de letramento de um jovem estudante na linguagem específica do campo. Cinco pesquisadores que participaram de um projeto de pesquisa sobre a crítica literária brasileira contemporânea publicada em periódicos foram entrevistados sobre o impacto da pesquisa nas suas formações como leitores. Essas entrevistas são entrecruzadas com os resultados da própria pesquisa, que auxiliam na compreensão desse processo de formação de leitores, uma vez que trata da crítica literária, que pode ser, ela própria uma forma de mediação de leituras.

ABSTRACT

What we interrogate in this article is how the formation of researchers in literature may impact the literacy process of a young student in the specific language of the field. Five researchers who have been engaged in a project on the Brazilian contemporary literary criticism published in journals were interviewed about the impact of the research in their formation as readers. Such interviews are crossed with the results of the research, which helps understand the formation of the readers, since it concerns the literary criticism, that might be a type of mediation itself.

PALAVRAS-CHAVE

Leitor.
Pesquisa.
Crítica literária.
Periódico.
Letramento.

KEYWORDS

Reader.
Research.
Literary criticism.
Journal.
Literacy.

1 ● De que trata a crítica contemporânea?

Quem já esteve em sala de aula alguma vez, como professor ou aluno, certamente já ouviu a pergunta “*De que trata o texto?*”. Normalmente formulada pelo professor para os alunos, com o objetivo de dar início a uma discussão e, ao mesmo tempo, indicar seus limites, no caso de aulas de literatura, a pergunta pode ser, também, o ponto de partida para uma jornada no imprevisto. Isso porque o texto literário é gatilho para que a imaginação seja disparada de uma forma que, quanto mais eficiente for, menos se deterá no previsível – indo além dele. Por isso, se essa pergunta é feita a si mesmo pelo crítico literário, ou ao crítico literário por seus leitores, certamente a expectativa não é a de reiteração do que pode ser meramente identificado na superfície do texto, mas a da imprevisibilidade das leituras que se conectam com diferentes experiências históricas, coletivas e individuais. Portanto, se perguntarmos atualmente aos críticos literários de que tratam os textos que eles se propõem a analisar, como eles nos responderiam? Seria uma resposta em uníssono ou em coral?

A pergunta foi feita em uma pesquisa desenvolvida pelo Grupo de Estudos em Literatura Brasileira Contemporânea, da Universidade de Brasília, sob a coordenação de Regina Dalcastagnè, a um conjunto de 3.085 artigos sobre literatura, publicados entre 2000 e 2014, por um conjunto de nove revistas acadêmicas classificadas no momento de início da pesquisa, em 2013, como A1 na área de Letras pelo Qualis Periódicos, instrumento de medida da qualidade das publicações dos programas de pós-graduação brasileiros, criado pela CAPES – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior, fundação vinculada ao MEC¹. As revistas escolhidas foram Letras de Hoje, Literatura e Sociedade, Itinerários, Gragoatá, Estudos de

¹ De acordo com informações constantes no site da CAPES, “Qualis é o conjunto de procedimentos utilizados pela Capes para estratificação da qualidade da produção intelectual dos programas de pós-graduação. (...) Como resultado, disponibiliza uma lista com a classificação dos veículos utilizados pelos programas de pós-graduação para a divulgação da sua produção. (...) A estratificação da qualidade dessa produção é realizada de forma indireta. Dessa forma, o Qualis afere a qualidade dos artigos e de outros tipos de produção, a partir da análise da qualidade dos veículos de divulgação, ou seja, periódicos científicos. A classificação de periódicos é realizada pelas áreas de avaliação e passa por processo anual de atualização. Esses veículos são enquadrados em estratos indicativos da qualidade, de A1 a C, sendo A1 o estrato mais elevado.” Disponível em: < <http://www.capes.gov.br> >. Acesso em: 20/11/2017.

Literatura Brasileira Contemporânea, Ipotesi, O eixo e a roda, e as revistas da Anpoll e da Abralic.²

A coleta dos dados foi feita por meio de um questionário, que deveria ser respondido pelos pesquisadores após a leitura de cada texto. Na primeira parte do questionário eram coletados dados sobre a publicação, relativos à revista, ao gênero (se era artigo ou resenha), ao autor (titulação, instituição em que trabalhava no momento da publicação, sexo e idade). Em outra parte do questionário, as questões diziam respeito ao conteúdo do artigo: se tratavam de textos literários, se eram exclusivamente teóricos, se não tratavam de literatura, se tratavam de literatura contemporânea ou de outras épocas, se tratavam de literatura brasileira ou estrangeira, qual era o gênero estudado, se tinham abrangência monográfica, comparativa ou panorâmica, quais eram os autores analisados, qual era o enfoque metodológico do artigo (se das ciências sociais, se da filosofia, se da própria tradição literária, ou se tinham enfoque exclusivo no objeto). Por fim, uma última parte era alimentada com a bibliografia, por autor, citada nos artigos.

2. De que trata o letramento no contexto de uma pesquisa?

No entanto, o enfoque deste texto não são os resultados em si, mas a possibilidade de refletir sobre a experiência de leitura dos pesquisadores que leram esse extenso volume de publicações acadêmicas. Nas reuniões do grupo de pesquisa, foi possível observar que a leitura exaustiva de dezenas de artigos todos os meses significou um processo de letramento no universo da leitura da escrita acadêmica da crítica literária. Isso porque um mesmo pesquisador, no período de dois anos, chegou a ler entre 400 e 600 artigos; e, se entendemos os letramentos como habilidades entre outras possíveis para um indivíduo, esse processo específico, em que se lia dentro de gêneros específicos, levando-se em consideração, por isso, o espaço em que eram publicados e em que circulavam, pode ser capaz de despertar uma autoconsciência linguística e política no campo das letras, como pontua Brian Street, a fim de propor um letramento ideológico³.

Para Street, esse modo de ver o letramento, ideologicamente, é capaz de flagrar como os participantes do processo “exprimem a diferença entre

² A pesquisa, financiada pelo CNPq, foi co-coordenada por Igor Graciano e por mim, intitulado-se “Configurações da crítica em periódicos brasileiros contemporâneos”. A pesquisa ainda contou com a participação de dezesseis estudantes de graduação, aos quais agradeço imensamente pelo trabalho desenvolvido: Isadora Dias, Waldson Souza, João Pedro Coleta, Raysa Soares, Amanda Holgado, Marcos Lopes, Carina Lobato, Fernanda Serafim, Edson Sousa, Priscila Oliveira, Vanessa Magalhães Silva, Vanessa Cajá, Maria Manuella Kury, Laís Oliveira, Gustavo, Talita Neres e da doutoranda Paula Dutra.

³ STREET, Brian. *Letramentos sociais: abordagens críticas do letramento no desenvolvimento, na etnografia e na educação*. Trad. Marcos Bagno. São Paulo: Parábola, 2014, p. 37.

mensagem de superfície e o significado profundo de várias maneiras codificadas”⁴. Por isso, as atividades de leitura demandadas pelo projeto, desse modo, puderam tornar esses jovens leitores extremamente críticos em relação à produção com a qual eles passaram a ter contato mais próximo apenas no contexto da pesquisa. Embora estudantes de um curso de Letras tenham acesso a inúmeros artigos de críticos e teóricos literários ao longo do curso, a seleção feita pelos professores para seus programas de disciplinas é normalmente aquela que entroniza os críticos lidos, sem que haja muito espaço para o dissenso – ou mesmo para uma visada mais radicalmente negativa sobre a produção. Leem Roman Jakobson, Antonio Candido, Julia Kristeva ou Rita Schmidt para *entender* o que de relevante eles têm a dizer sobre os temas com que trabalham. No contexto da pesquisa, apesar de haver o peso do questionário a ser respondido, não havia a demanda de uma leitura voltada para um processo de compreensão, absorção e adesão, o que configuraria um processo mais transmissivo que dialogado. Havia, ao invés disso, havia uma maior abertura para as possibilidades de leitura e de avaliação da leitura, próximo da construção de um espaço de liberdade, como a que bell hooks propõe. Para ela, inspirada no trabalho de Paulo Freire, as pessoas “precisam de um contexto onde deem voz a seus medos, onde falem o que estão fazendo, como estão fazendo e por quê”⁵.

Assim, a orientação dada pelos próprios coordenadores buscou dar autonomia esses estudantes no ato de leitura, uma vez que, nos encontros semanais, o receio de “não entender” determinado texto, foi sendo confirmado como uma falha do próprio artigo em si – seja pelo domínio limitado de alguns autores dos recursos linguísticos da modalidade escrita do português, seja pela precariedade de organização de ideias, ou, mesmo pela escassez delas. O que foi ficando evidente para esses estudantes é que a chancela das instituições às quais os pesquisadores se vinculam, dos editores e, mesmo, da CAPES, não era suficiente para garantir a qualidade dos textos. Nesse sentido, havia uma relativa liberdade nas disposições para a leitura, sem que se demandasse a reverência dos pesquisadores, que passaram a não só a registrar nas fichas aquilo que liam, mas também a avaliar e relatar o que liam nas reuniões semanais para o acompanhamento do andamento da pesquisa. Essa liberdade, reforço, se deveu ainda à tomada de consciência de que, salvo raras exceções, esses textos foram pouco lidos, logo não pesavam sobre eles outros gestos legitimadores que pudessem intimidar os jovens leitores. Estava, então, montado o quadro propício a um letramento verdadeiramente ideológico, em que a tomada de *autoconsciência linguística e política* ocorriam lado a lado. Buscando construir a possibilidade de

⁴ Ibidem, p. 37.

⁵ HOOKS, Bell. *Ensinando a transgredir*. Trad. Marcelo Brandão Cipolla. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2013, p. 54.

resistência às políticas de legitimação dos campos literário e intelectual, a leitura foi se tornando cada vez mais crítica em relação aos recursos retóricos, teóricos e metodológicos da produção analisada.

Desse modo, o letramento pelo qual esses estudantes passaram foi capaz de ressitua-los diante de parte significativa da principal produção crítica brasileira. Esse processo foi sendo flagrado pelos coordenadores, e posso afirmar que nas leituras em conjunto que fazíamos, demos espaço para que essas avaliações ganhassem espaço nos debates. Foi daí que surgiu a ideia de entrevistas esses leitores e analisar os seus percursos, de não deixar de pensar sobre a experiência singular que eles estavam vivendo de imersão e contato exaustivo com a crítica literária do país.

3. De que tratam, então, os textos?

Nesta investigação, dois pontos principais nos interessam: como os pesquisadores⁶ avaliavam os textos lidos e como eles avaliam suas próprias competências leitoras após passarem pela experiência de leitura de centenas de artigos, em um curto espaço de tempo e em um período formativo na área de Letras.

Em relação à avaliação dos textos, apesar de, no dia a dia, terem sido feitas muitas queixas, os leitores avaliam a produção, em sua maioria de modo positivo: destaca-se a qualidade técnica da escrita e a seriedade com que o trabalho da crítica é desenvolvido. Embora os pesquisadores tenham feito observações mais gerais, percebe-se que eles valorizam algum rigor metodológico nos artigos. Porém, há uma unanimidade na queixa quanto aos interesses teóricos e temáticos: a repetição dos mesmos autores, tanto no corpus quanto nas referências teóricas, é tratada como um problema. Ou seja, apesar de isoladamente serem artigos eficientes do ponto de vista da seleção de um problema e do seu enfrentamento, a produção acaba padecendo de um “marasmo”⁷, quando vista em conjunto. Esse dado é confirmado, nos resultados da pesquisa, pela presença massiva de Machado de Assis, Guimarães Rosa e Antonio Candido, que, juntos, são citados 280 vezes como parte do *corpus* de análise dos artigos.

⁶ As entrevistas foram feitas, por escrito, em novembro de 2016, com seis pesquisadores - Raysa Soares, Isadora Dias, Waldson Souza, Marcos Lopes, João Coleta e Amanda Holgado - que permaneceram na equipe de pesquisa até o seu encerramento, em 2017.

⁷ Recupero aqui o mesmo termo usado por João Cezar de Castro Rocha para se referir à ausência de polêmicas na crítica literária contemporânea. (In ROCHA, João Cezar Castro. *Crítica literária: em busca do tempo perdido?* Chapecó: Argos, 2011. Aqui, no entanto, o marasmo flagrado deve-se à repetição de temas, de perspectivas teóricas e das perspectivas sociais que os selecionam.

Autoras(es) mais trabalhados	
Guimarães Rosa	121 textos
Machado de Assis	108 textos
Antonio Candido	51 textos
Carlos Drummond de Andrade	51 textos
Clarice Lispector	47 textos
Mário de Andrade	39 textos

Tabela 1: Fonte - Pesquisa "A crítica literária em periódicos brasileiros contemporâneos"

Outro aspecto destacado como problemático, pela monotonia que provoca na leitura, é a recorrência das mesmas referências teóricas em diferentes artigos. Antonio Candido, que já figura como um dos autores mais estudados, também é, de longe, o autor mais citado.

Críticas(os) e teóricas(os) mais citadas(os) nas bibliografias:	
Antonio Candido	393 textos
Walter Benjamin	256 textos
Roland Barthes	214 textos
Michel Foucault	170 textos
Mikhail Bakhtin	162 textos
Jacques Derrida	159 textos
Roberto Schwarz	151 textos
Gilles Deleuze	145 textos
Silviano Santiago	143 textos

Tabela 2: Fonte - Pesquisa "A crítica literária em periódicos brasileiros contemporâneos"

Ao seu lado, junto com outros críticos brasileiros como Silviano Santiago e Roberto Schwarz, figuram os autores que, sabemos por intuição e certo grau de empiria (agora comprovadas pela pesquisa nesse *corpus* de revistas), são as referências teóricas que mais circulam no campo: Benjamin, Barthes, Foucault, Bakhtin, Derrida, Deleuze.

Em relação a esse conjunto de referências, além do marasmo teórico, os pesquisadores ainda pontuaram a ausência de perspectivas subalternas e periféricas. À exceção de Machado de Assis e Mário de Andrade, os autores mais estudados e os mais citados são basicamente homens brancos. Nas referências bibliográficas, principalmente homens brancos que produziram suas obras a partir da Europa. Para os leitores-pesquisadores, a ausência de diversidade de perspectivas no coral de vozes que compõe o texto enfraquece o conjunto da produção. Como já foi destacado, a qualidade geral dos artigos

não é avaliada negativamente, e nem nos proporemos aqui a tarefa de analisá-los um a um, porém, o que as entrevistas com os pesquisadores sugerem é que a limitação de perspectivas sociais pode ser, de fato, um problema na produção acadêmica. Se o ponto de partida, ou de ancoragem, das pesquisas está centrado em um cenário em que falta diversidade, é de se esperar que os próprios problemas levantados por essa crítica sejam, eles também, pouco diversificados.

Infelizmente, não foi possível levantar dados mais aprofundados sobre os autores dos artigos publicados, para cruzá-los com suas referências, porém um desses dados chama a atenção. A proporção de autores por sexo no *corpus* é de 58,1% de mulheres e 41,9% de homens. Ao separarmos a bibliografia citada por sexo dos autores, por um lado, não há mudança significativa no topo da lista apresentada: Candido, Benjamin, Barthes seguem como as fontes mais citadas, entre homens e mulheres. No caso dos autores, porém, Roberto Schwarz e Haroldo de Campos substituem Foucault e Bakhtin no topo da lista de autores mais citados. Se olharmos para outros números na lista, porém, verificamos que as referências a Silviano Santiago, por exemplo, são proporcionalmente mais frequentes entre as mulheres, 85 vezes, ao passo que as outras 58 menções ao crítico é feita entre homens. Stuart Hall é outro autor que aparece significativamente mais citado em artigos assinados por mulheres, 74 vezes, enquanto entre os textos escritos por homens aparece 34 vezes. Por fim, vale destacar que Linda Hutcheon, a mulher mais citada na lista, com 94 menções, é citada 62 vezes entre as pesquisadoras e 32 vezes entre os pesquisadores, ou seja, 65,9% das menções à autora é feita por mulheres. Uma hipótese que pode ser levantada, a partir desses números é a de que, se há coincidência entre os autores mais referenciados, aqueles que figuram no topo da lista, flagra-se uma presença ligeiramente maior dos debates sobre a pós-modernidade e sobre os estudos identitários nos artigos das pesquisadoras – o que leva para a lista de referências mais frequentes diversidade racial e de gênero.

No que se refere aos autores mais analisados em artigos monográficos, dedicados a um só autor, chama a atenção o fato de que há poucas autoras que despertam o interesse dos pesquisadores, sendo Clarice Lispector a mais estudada, em 26 textos. Entre esses 26 artigos monográficos sobre Clarice, 17 são de pesquisadoras, ao passo que apenas 9 foram escritos por pesquisadores. A segunda autora mais citada, Carolina Maria de Jesus, tem sete artigos monográficos dedicados a sua obra: todos escritos por mulheres. Sobre Cecília Meireles, há também sete artigos, seis deles escritos por mulheres. Quando se trata de abordagem comparativa, Clarice aparece citada em sete artigos. Desses, seis são escritos por mulheres. Conceição Evaristo é citada em outros sete artigos, dos quais seis são assinados por pesquisadoras.

Já Carolina Maria de Jesus tem apenas três artigos dedicados a compará-la com outros autores; todos os três são de autoria de mulheres. Por fim, mesmo quando a abordagem é panorâmica, isto é, quando diversos autores são mencionados nos artigos, sem que se aprofunde na análise textual de suas obras, Clarice é citada quatorze vezes, dez das quais em artigos escritos por mulheres. Já Carolina é citada nove vezes, todas por outras mulheres, o que lhe coloca na espantosa situação de ser uma escritora estudada apenas por mulheres no *corpus* da pesquisa. A segunda hipótese a ser levantada, portanto, é correlata a primeira: se há coincidência entre os autores mais estudados, a presença de escritoras nos *corpora* de análise, mesmo tímida, depende quase exclusivamente do interesse de pesquisadoras em suas obras. A diferença da perspectiva de gênero, é, afinal, o que ainda garante alguma – mas não muita – diversidade no cenário da pesquisa em literatura no que se refere às perspectivas sociais dos autores estudados.

4. De que trata, enfim, a leitura da crítica?

Se a pouca diversidade que conseguimos flagrar entre os artigos publicados nas revistas analisadas pela pesquisa parece ter a ver com a presença de uma diferença de gênero, que, suplementando (ainda que supere numericamente a presença de pesquisadores homens) um espaço majoritariamente masculino, como as referências bibliográficas e *corpora* de análise confirmam, a pouca presença de escritores e discussões menos canônicas não afetou a avaliação dos pesquisadores de que havia um monocromatismo na crítica publicada nesses periódicos.

Esse monocromatismo, e, como aponta um dos pesquisadores, “conservadorismo”⁸ tem um impacto direto na avaliação que fazem dos efeitos que o processo de letramento no campo da crítica literária acadêmica tem em sua formação. Entre eles, houve relatos de uma perda de interesse pela leitura dos autores mais recorrentes nas bibliografias⁹. Ou seja, se a participação em um trabalho de pesquisa que lhes exigiu o exercício de leitura foi capaz de melhorar seu olhar tanto para a crítica quanto para o texto, uma vez que o tornou mais questionador, ele também afetou o modo como eles se relacionam com determinados autores. O interesse obsessivo da crítica com alguns autores canônicos demonstra, nos relatos desses pesquisadores, que, em lugar de estimular a elaboração de novas visadas sobre as obras clássicas, aquelas que, no postulado de Ítalo Calvino, “nunca

⁸ Termo empregado por um dos pesquisadores (Coleta, 2016).

⁹ Refiro-me aqui aos relatos de Dias (2016) e Souza (2016).

terminou de dizer aquilo que tinha para dizer”¹⁰, essas escolhas levam a uma saturação que pode chegar a ser traduzida em desinteresse. De acordo com o depoimento de uma pesquisadora, esse desinteresse se deve ao

modo repetitivo e maçante como a obra era analisada. Um bom exemplo disso é a obra de Antonio Candido, para falar dele eram usados sempre o mesmo suporte teórico, bibliográfico, sempre o mesmo enfoque, atrelados sempre às mesmas obras literárias. Das fichas preenchidas nos três dossiês sobre Antonio Candido, só se mudava, praticamente, as informações sobre a autoria dos artigos. Nunca uma perspectiva nova, ou aporte teórico e bibliográficos novos eram apresentados. O mesmo fenômeno acontecia com Guimarães Rosa.¹¹ (DIAS, I., 2016).

Uma hipótese a ser levantada é a de que, mesmo a “qualidade técnica” dos artigos, como foi pontuado por outra pesquisadora¹², deve-se ao reconhecimento de um determinado modelo de texto, em que a objetividade é buscada pelo distanciamento, pois, quando inquiridos sobre a presença da subjetividade do crítico como leitor do texto literário, com os afetos demandados pelos efeitos não só de sentido já consagrados pelas molduras teóricas, mas também os efeitos de sentido ligados a uma experiência mais pessoal, ou mesmo os efeitos de presença¹³ provocados pela leitura, os pesquisadores foram unânimes em apontar que a presença do leitor no crítico é muito incipiente.

Pode parecer estranho separar o leitor do crítico, mas, aqui, busco exatamente flagrar em que medida o leitor – pensado nessa dimensão que articula sentido e presença - tem se distanciado do crítico nessa produção profissional e industrial da crítica literária acadêmica, apenas dedicada à inteligência, ao sentido. O marasmo observado nos textos, pela recorrência de temáticas e abordagens, pode ter a ver exatamente com as demandas dessa produção que tem assumido caráter quase industrial, pelas pressões das universidades e das agências de fomento e pelo modelo consagrado de escrita acadêmica objetiva. E, esse conjunto de artigos maçantes, pode ter, no leitor da crítica – um leitor de segunda-mão, que lê o texto pelos olhos do outro – o efeito de afastá-lo do texto e não de aproximá-lo, que seria uma função básica da mediação proporcionada pelo crítico.

É interessante notar, contudo, que o processo de letramento, que passa também pela tomada dessa consciência linguística e política, e pelo que de metalinguístico se insere nesse processo, a contrapelo dos efeitos negativos

¹⁰ CALVINO, Italo. *Por que ler os clássicos*. Trad. Nilson Moulin. 2ª. edição. São Paulo: Companhia das Letras, 2007, p. 11.

¹¹ Relato de Dias (2016).

¹² Relato de Soares (2016).

¹³ As noções de “efeito de sentido” e “efeito de presença” aqui são usadas no sentido que os emprega Gumbrecht (GUMBRECHT, Hans Ulrich. *Produção de presença*. Trad. Ana Isabel Soares. Rio de Janeiro: PUC-Rio, 2010).

que a experiência pode ter tido nos leitores sob alguns aspectos, torna-os mais capazes de compreender o campo literário e o campo acadêmico, bem como as tomadas de posição feitas no seu interior¹⁴. Outra pesquisadora afirma que

de uma maneira muito positiva [a pesquisa] me ajuda a compreender melhor o meio acadêmico e sua forma de produção, além de uma desconstrução em relação à “intocabilidade” da crítica, que por muitas vezes na graduação me pareceram intocáveis, mas estão aí também para serem questionadas e lidas de sob novas perspectivas. Além disso, me questionei muitas vezes sobre a função da crítica literária e de que forma esse trabalho pode consistentemente afetar e intervir no meio social e ultrapassar as barreiras acadêmicas.¹⁵

Esse questionamento é decorrente da percepção de um caráter monológico da produção, ensimesmada muitas vezes em discussões que parecem não encontrar interlocutores, na opinião dos pesquisadores. Ou seja, o processo de letramento também se beneficia da leitura de uma produção que, mesmo que não traga por si contribuições relevantes, permite que se compreenda o campo literário e o campo intelectual e que se possa também, como leitor da crítica, assumir posições autoconscientes neles. A leitura que não só mergulha no texto, mas também é capaz de afastar-se e olhá-lo de longe, localizá-lo no seu espaço de publicação e flagrar os seus percursos, numa perspectiva cartográfica, pode inclusive permitir que se possam pensar intervenções no marasmo, ampliando o lugar do crítico habilidoso na leitura do texto literário em um pesquisador capaz de pensar o próprio pensamento e os sistemas em que ele se insere.

5. Considerações finais

Se há o risco de termos, para a pergunta “Do que trata o texto?”, aberta e potencialmente capaz de provocar inúmeras reflexões, um conjunto de respostas monocromáticas; uma experiência intensa de leitura, como a vivida pelos jovens que participaram da pesquisa “A crítica literária em periódicos brasileiros contemporâneos” também oferece saídas para se pensar o campo e seus entraves.

O que esse caso específico permite especular é, em primeiro lugar, sobre a importância da leitura extensiva na formação do pesquisador.

¹⁴ Tanto o conceito de “campo”, como um espaço de disputas políticas, quanto o de “tomada de posição”, que pressupõe os agenciamentos feitos pelos atores do campo, são aqui utilizados no sentido que os emprega Bourdieu (BOURDIEU, Pierre. *As regras da arte*. Trad. Maria Lúcia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.).

¹⁵ Relato de Holgado (2016).

Conhecer o campo dá, de alguma forma, a medida do que já foi feito e permite entrever o que pode ser feito a partir dos interesses de cada um, que flagram o que falta desde sua perspectiva. Nesse sentido, as lacunas desse campo vão ficando evidentes, sobretudo quando coincidem exatamente com aquilo que o leitor busca encontrar e pode se dispor a fazer.

Em segundo lugar, e, mais importante, fica patente que o letramento em um determinado campo, se entendido em sua perspectiva ideológica, não se limita à capacidade de ler e decodificar um texto em um gênero específico, como o artigo científico, mas também conseguir situá-lo em relação a outros textos, no que se refere aos meios de publicação e no próprio campo, isto é, fazer uma leitura crítica e política que o relacione com o mundo a sua volta, buscando nele o que ele quer dizer e também o que ele termina por obliterar. Acompanhar o percurso de formação desse conjunto de pesquisadores a partir de um processo de letramento ideológico foi uma forma de flagrar exatamente a construção dessa autoconsciência linguística e política, associada a uma progressiva compreensão do campo, de suas disputas, de suas assimetrias e, principalmente, de sua doxa.